



IGREJA NOSSA SENHORA IMACULADA CONCEIÇÃO DE DOURADOS/MS: HISTÓRIA E IMAGENS DO PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3492

Camila de Brito Quadros Lara, UFGD

Resumo

A primeira capela da Igreja Católica em Dourados/MS foi construída em 1925 por um grupo de migrantes católicos que aqui chegaram no início do século XX para povoar o local. Foi dedicada a Nossa Senhora Imaculada Conceição e com o passar do tempo o prédio sofreu várias reformas e ampliações, porém continuou construído no mesmo local - na área central da cidade, em frente à principal praça, e desde a década de 1960 foi consolidado como Catedral Diocesana. Este trabalho, que faz parte de um dos capítulos de uma pesquisa de Mestrado em História, tem por objetivo analisar o processo histórico da *construção* da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição, sob o viés do patrimônio cultural religioso. A abordagem implica tanto a perspectiva literal, ou seja, física da construção e desenvolvimento do prédio propriamente dito, como remete também a uma construção simbólica, cercada de elementos imateriais, sobretudo no contexto das relações sociais entre os indivíduos formadores e legitimadores desse patrimônio. A metodologia pautou-se na análise das fontes fotográficas encontradas principalmente nos arquivos paroquiais e no Centro de Documentação Regional - CDR/UFGD. Nesse sentido, percebe-se a importância da contextualização do edifício, da história do qual é testemunho e do espaço em que se localiza e que, portanto, para uma adequada compreensão da pluralidade dos traços culturais inerentes ao patrimônio cultural religioso devem ser levados em consideração aspectos subjetivos, inclusive as sensações decorrentes de vivências coletivas que extrapolam o sentido da materialidade.

Palavras Chave:

Patrimônio Cultural Religioso; Fotografia; Igreja Católica.

Introdução/Justificativa

Um dos primeiros passos em relação à operação historiográfica diz respeito às fontes, sendo que “a História se utiliza de documentos, transformados em fonte pelo olhar do pesquisador” (PINSKY; LUCA, 2011, p. 7). No campo do patrimônio cultural, essa abordagem é complexa e ampla, podendo abarcar tudo o que for capaz de expressar cultura (PINSKY, LUCA, 2011, p. 7). Assim, entendemos a abrangência desse campo na perspectiva das fontes, pois “o estudo do patrimônio é um campo que, de forma ‘gulosa’, se serve de tudo que estiver disponível - das cartas aos prédios, da literatura a um bairro inteiro - e que for capaz de representar a dinâmica da história” (MARTINS, 2013, p. 281).

As fontes utilizadas para o patrimônio cultural são uma construção permanente, assim como o próprio conceito o é “quando tomado no sentido de testemunho do passado e acervo a ser identificado, selecionado e preservado, suscite interpretações diversas, passíveis de questionamentos” (MARTINS, 2013, p. 284). Tais fontes são importantes para a pesquisa de cunho religioso e social, pois:

Os ritos da vida religiosa católica pontuam a trajetória das famílias, dos distintos grupos da sociedade brasileira de maneira diferenciada ao longo do tempo. Nas camadas mais ricas, os eventos religiosos tornaram-se eventos sociais cuja comemoração envolve um investimento simbólico significativo. [...] Neste processo, a imagem fotográfica vai assumindo um papel cada vez mais importante, pois as fotografias familiares não congelam momentos vividos de forma automática, elas interpretam e dialogam com o tempo vivido, traduzindo-o em uma linguagem de imagens (MAUAD, 2008, p. 121).

Apesar de Martins (2013, p. 296) afirmar que “coube à fotografia figurar como material de excelência para o

historiador do patrimônio, permitindo a recuperação das tantas ‘reproduções’ do passado”, me deparei com um contexto próprio: a quase ausência de fontes fotográficas exclusivas da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição no início do século XX, sendo encontradas apenas algumas fotografias da construção e da inauguração da capela (1925-1926), da construção da Igreja Matriz (década de 1940).

Além disso, a qualidade das imagens encontra-se comprometida, dificultando sua análise. Há que se entender que no início do século XX a fotografia era um recurso extremamente escasso, caro e difícil. Ou seja, fotografar um acontecimento era realmente um *evento* de grandes proporções e único, principalmente no sul do Mato Grosso, além de ser um recurso disponível somente para a elite, que podia pagar por ele. Assim, o que era fotografado, quem era fotografado e o contexto abordado através da fotografia já geram evidências para a sua problematização. Ou seja, essas fontes foram utilizadas “não apenas em sua leitura imediata e figurativa, mas inseridas no processo de sua produção e historicidade” (MARTINS, 2013, p. 295).

Objetivos

Analisar o processo histórico da *construção* da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição, sob o viés do patrimônio cultural religioso. A abordagem implica tanto a perspectiva literal, ou seja, física da construção e desenvolvimento do prédio propriamente dito, como remete também a uma construção simbólica, cercada de elementos imateriais, sobretudo no contexto das relações sociais entre os indivíduos formadores e legitimadores desse patrimônio.

Resultados: A singela capela...

A história da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição, principal

templo religioso católico do município confunde-se, em grande parte, com a própria história da criação e desenvolvimento da cidade de Dourados, na medida em que esses dois “personagens” surgiram, cresceram e tem se desenvolvido conjuntamente, delegando à igreja, aspectos que revelam identidades conferidas aos moradores e criando relações, que ora permanecem, ora se dispersam na multiculturalidade religiosa já presente no início do povoado e cada vez mais crescente no município.

A igreja foi a primeira instituição que surgiu no núcleo central urbano, atuando, inclusive na organização do espaço urbano. Posteriormente surgiram as escolas, os hospitais, e os outros elementos que foram compondo este espaço (MOREIRA, 1990, p. 21). Tais elementos são entendidos como características formadoras de identidade cultural e da história do município, de maneira que os moradores foram construindo, além de um sentimento de pertencimento pelo lugar, e também por estabelecer um vínculo entre as memórias trazidas dos locais de onde vieram. Esse vínculo, segundo Le Goff (2013) que se torna afetivo, possibilita que essa população passe a se enxergar como “sujeitos da história”, que possuem assim como direitos, também deveres para com a sua localidade.

E nesse contexto, tem início a ideia de construção de uma capela, sendo que em 1923, foi organizada por Major Capilé, a primeira comissão pró construção (CAPILÉ JUNIOR, CAPILÉ, SOUZA, 1995, p. 107). Essa comissão, composta por representantes de uma parte da comunidade, e que atualmente são lembrados por seu *pioneirismo* sendo homenageados através de nomes de ruas ou escolas, era formada por: Januário Pereira de Araújo (Presidente), João Rosa Góes (Fiscal de Obras), Francisca Claudina Rosa (Tesoureira), Sophia de Castro Batista (Secretária), Genoveva Capillé (Conselheira Auxiliar), Balbina

Pereira de Carvalho (Conselheira Auxiliar), Antônia Capillé (2ª Secretária). Nota-se que a comissão era formada, em sua maioria, por mulheres, porém as mesmas não exerciam os cargos mais representativos.

Não foram encontrados muitos registros fotográficos relacionados à construção dessa capela nos acervos pesquisados, certamente pelas dificuldades em realizar tais registros nesta época na região. Há algumas fotografias, da década de 1920 e 1930 que estão disponíveis nos acervos do Museu Histórico de Dourados e no Centro de Documentação Regional - UFGD. Uma delas, divulgada oficialmente nos livros memorialistas de Dourados e nas publicações da imprensa, é atribuída à construção da capela.

Fotografia 1 - Capela em construção



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Dourados;

Esta fotografia, cuja versão original encontra-se no *Museu Histórico de Dourados*, retrata um momento especial, haja vista a concentração de pessoas no local, suas vestimentas, além da própria importância do registro fotográfico, tão raro naquela época nessa região. A mesma possui um estado de conservação bastante comprometido (riscos nas bordas e deterioração do papel fotográfico) e está fixada em um suporte de papel grosso, trazendo em seu verso a seguinte anotação à caneta: 8/12/1925 - 1ª capela de Dourados - Maria da Glória. Seu registro de identificação - RG 0056.1 aponta que o doador do objeto, bem como o fotógrafo são desconhecidos, e no campo *descrição da*

fotografia está escrito: “capela em construção no canto direito da fotografia, ao fundo uma casa grande, à frente a população douradense da época, homens, mulheres e crianças participando do **mutirão de construção da igreja**” (destaques meus).

Como se pode notar, não se trata de um mutirão para a construção do prédio, mas provavelmente do momento em que a população do então distrito de Dourados comemorou o dia de sua padroeira (8 de dezembro) e levou a artística imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição para o interior da igreja. O terreno de 15 x 20 metros no qual foi construída a capela, foi fruto de uma doação de um dos moradores, Antônio Joaquim de Almeida, e sua construção iniciou-se em junho de 1925 (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 4).

Verifica-se, ainda, de acordo com a fonte analisada, que a construção não está totalmente terminada, há um tipo de andaime, certamente para que os trabalhadores façam as intervenções finais e acabamentos na obra; uma cerca de arame à sua frente, além de uma ou duas outras construções de madeira nos arredores. Além disso, à frente da capela há um andor com uma imagem sacra (não sendo possível identificá-la ou afirmar categoricamente que seria de Nossa Senhora Imaculada Conceição). Salienta-se que algumas fontes mencionam que a primeira capela construída no povoado era feita de madeira, porém não foi encontrado nenhum registro fotográfico ou documental que comprovasse tal fato ou que fosse datada anteriormente a 1925. Outra observação relevante é que, mesmo diante deste momento religioso marcante para o povoado, não se observa nenhum indivíduo com roupas que remetam a vestimentas ou paramentos religiosos que caracterizem um padre da época, revelando, desse modo, que a Igreja Católica provavelmente não sabia sobre a organização do povoado em torno da

construção da capela que já estava em fase de finalização.

Fotografia 2 - Capela Nossa Senhora Imaculada Conceição



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Manoel Frost Capilé

Neste registro disponibilizado para a pesquisa verificamos a capela já pronta. Na fotografia 2, cuja versão original encontra-se no acervo pessoal do Sr. Manoel Frost Capilé, pode-se notar um grande número de pessoas em frente à capela, possivelmente para uma comemoração religiosa. Observam-se homens vestidos de terno, algumas mulheres segurando bandeiras, andores para o transporte de imagens sacras, arranjos de flores, crianças vestidas de branco. Na fachada da capela, bem elaborada em detalhes, há uma única porta central e, acima da mesma, uma estrutura em abóbada (possivelmente em vidro). Não há sinos na capela e no ponto mais alto da fachada, vê-se uma cruz. A imagem nos mostra também que ao redor há grande quantidade de árvores e algumas construções em madeira numa ampla área de terra (se a fotografia fosse colorida, provavelmente veríamos a famosa *terra vermelha* de Dourados), com arbustos ao redor, o matagal nativo. No centro da fotografia consegue-se perceber alguns arranjos de flores que possivelmente ornamentam os andores com as imagens sacras (não sendo possível identificá-las). Sugere-se, dessa forma, que a fotografia mostre uma procissão religiosa, provavelmente a de Nossa Senhora Imaculada Conceição.

Dourados emancipada: a criação da Paróquia de Nossa Senhora Imaculada Conceição

O ano de 1935 ficou marcado na região, sobretudo pela emancipação político-administrativa de Dourados. As impressões da historiadora Regina Heloiza Targa Moreira sobre a cidade, de acordo com a análise de fontes fotográficas da época, são assim descritas:

1935 - Dourados se transforma em município. No entanto, a fisionomia do povoado não apresentou grandes mudanças. Os espaços vazios dentro da área urbana eram muitos e continuavam predominando os hábitos pacatos e tranquilos, típicos dos pequenos agrupamentos distantes dos grandes centros. (MOREIRA, 1990, p. 55).

A então capela de Dourados, inserida no centro do núcleo urbano que se formava, servia para além do principal propósito, o do culto católico, como cenário para os registros fotográficos, eternizando os momentos considerados importantes para os cidadãos douradenses. Foram encontradas no acervo do Museu Histórico de Dourados algumas fotografias doadas em 2007 por João da Câmara (ex-prefeito de Dourados), atribuídas ao fotógrafo Raul Frost e, segundo as fichas de identificação, referem-se à década de 1930.

Fotografia 3 - Crianças em frente à igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição



Fonte: Acervo do Museu Histórico de Dourados.

Esta fotografia, que está sob o registro nº 3844, foi intitulada em sua ficha catalográfica como: *Capela Imaculada*

Conceição - grupo religioso de crianças. Interessante observar os *modos da época* - meninas de um lado, meninos de outro, as diferentes vestimentas - meninas de saias e vestidos, meninos de camisa e shorts, alguns descalços, outros não, o que denota uma provável distinção de classe; e os traços de fisionomia dessas crianças, filhas e filhos de migrantes que aqui viviam, pois as mesmas participaram direta ou indiretamente da *construção* desse patrimônio cultural religioso e parte deles tem seus descendentes vivendo e participando do desenvolvimento da cidade de Dourados. Nota-se também no registro, um grupo grande de crianças, cerca de 60 a 70, alguns atentos ao registro fotográfico, outros dispersos, que poderiam estar sendo fotografados por conta de um encontro religioso ou até mesmo alguma data cívica comemorativa se pertencentes de um grupo escolar, mas que retratam, de certa forma, a vivência na localidade na época.

A transformação do patrimônio cultural religioso: a Igreja Matriz de Dourados

Na página 7 do Livro Tombo I da Paróquia de Dourados consta o primeiro registro de Frei Higinio Lateck. O ano é 1940, o mês é outubro. Frei Higinio Lateck relata sua chegada definitiva em Dourados. Com o tempo, se instala, vai tentando organizar a paróquia e, além disso, tem os primeiros contatos, conhecendo *suas ovelhas* e *sua igrejainha* Nossa Senhora Imaculada Conceição. Logo no primeiro mês de 1941, percebe que precisa da ajuda de mais pessoas para reformar a igreja, além de religiosas para a ação missionária na região e, nesse sentido, “a gente catholica resa e trabalha sem cessar” (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 12). No mês de março do mesmo ano, os pedidos ou *orações* de Frei Higinio Lateck são atendidos.

Assim, animado com a chegada da ajuda pastoral e também de força de

trabalho braçal do sacristão Frei Modesto Rapold e mais três irmãos leigos, o então vigário de Dourados planeja melhorar o interior da capela. Frei Pedro Knob narra essa passagem e é inevitável não tentar imaginar a pequena igreja e os melhoramentos que os freis faziam, aos poucos modificando e compondo o interior da Igreja Matriz de Dourados.

Quando os franciscanos começaram a tomar conta da paróquia da Imaculada Conceição em Dourados, encontraram uma pequena igreja. Mas logo o primeiro vigário residente procurou melhorar e aumentar a mesma. Para isso, no dia 12 de março de 1941, chegaram em Dourados os Irmãos Frei Valfrido Stahle, Proto Schurr e Luís Kunkel. Eles aumentaram a igreja em três metros, puseram novo piso, construíram bancos, janelas, santuário e sacristia, ficando tudo pronto em 25 de maio do mesmo ano (KNOB, 1988, p. 276).

Terminados os trabalhos, o vigário agradecido pela ajuda de todos se dirige aos paroquianos e os “convida para a nova prolongação da igreja para daqui a três anos” (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 8), já que constata durante a Quaresma de 1942 que “na igreja não cabe mais o pessoal, muitos homens assistem as rezas” (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 9v.). E, de fato, logo após a visita pastoral de Dom Vicente B. M. Priante, ocorrida em agosto de 1943, inicia-se o planejamento para a construção de uma nova Igreja Matriz. Em 20 de agosto aconteceu uma reunião para avaliar as possibilidades de tal construção e em setembro iniciou-se o processo de “abertura solene do livro de esmolas” (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 13). De acordo com Frei Hygino Latteck,

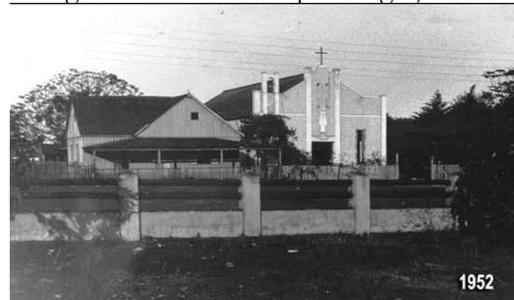
A planta da igreja já foi elaborada por nós padres daqui. A olaria do Sr. Delfino G. Garrido nos forneceu os

4.000 tijolos, o Sr. Rafael Mendonça a madeira necessária, a prefeitura nos cedeu - única contribuição generosa - as pedras de alicerce das quais há bastante no Salto. Construimos a igreja no lote do Sr. Sérgio Capilé comprado por nós (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 13).

Não se encontrou nos arquivos pesquisados a planta arquitetônica e/ou documentos referentes à compra do referido terreno, nem mesmo registro de que a primeira capela tenha sido demolida. A se julgar pela narrativa acima e pelo contexto arquitetônico atual, uma nova Igreja Matriz foi construída em um terreno adjacente ao que já abrigava a então capela. A obra teve seu início nos primeiros dias do ano de 1944, sendo os construtores responsáveis Sr. Augusto e Willy Hetzel. Foi também abençoada a pedra fundamental em 12 de março (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 13v.).

De acordo com algumas fontes fotográficas pesquisadas que são datadas do período da década de 1940 e 1950, percebemos que a fotografia abaixo mostra, além da Igreja Matriz, também a Casa Paroquial, mudanças consideráveis na fachada da igreja, a presença de um sino na parte superior à esquerda, fios de eletricidade e observa-se ainda, uma pequena mureta do lado oposto da rua.

Fotografia 4 - Casa Paroquial e Igreja Matriz



Fonte: Arquivo pessoal Solenyr Araújo

A fotografia 4, cuja versão original encontra-se no CDR/UFMG e não foi aqui utilizada pelo estado de comprometimento de sua nitidez, é uma

réplica digitalizada e escurecida, e foi-nos cedida pela funcionária da Cúria Diocesana de Dourados, Solenyr Araújo. Analisando as informações relevantes contidas em sua ficha de identificação do CRD/UFGD, na Coleção *Eventos Religiosos*, encontra-se seguinte datação: de 1941 a 1958, justamente o período compreendido entre a construção da 2ª igreja (Matriz), e a terceira igreja (Catedral Diocesana). Além disso, foi inserida digitalmente uma datação no canto inferior à direita: 1952, porém sem nenhuma justificativa para tal inserção. As informações contidas nas fontes não são suficientes para afirmar ou negar tal data, porém se nos reportarmos às informações relacionadas à questão da energia elétrica na área central, bem como à construção da mureta do outro lado da rua, poderemos esclarecer melhor a datação da fonte. A Usina Termoelétrica Senador Filinto Muller foi inaugurada em Dourados no ano de 1949 e tinha como objetivo abastecer a região central, sobretudo as atuais ruas: Marcelino Pires, Weimar Gonçalves Torres e Joaquim Teixeira Alves (PINTO, 2015, p. 85). Já a atual Praça Antônio João recebeu várias melhorias durante o final da década de 1940, dentre elas arborização, calçada, passeios e uma mureta protegendo sua área. Assim, de acordo com os elementos apresentados, pode-se concluir que a fotografia remete à década de 1950, e a data 1952 pode estar realmente correta.

Outra fonte nos mostra o interior da Igreja Matriz em uma função religiosa. Nela, nota-se que o desenho da porta e das janelas acompanha o estilo arquitetônico apresentado na fotografia 9, desenhos sacros e crucifixos nas paredes, sendo que na parede do lado direito da porta de entrada, pode-se ler, ao ampliarmos a imagem, as seguintes passagens bíblicas relacionadas a uma morte simbólica: *Felizes os que morrem no Senhor* e do lado esquerdo: *Ordena tua casa porque morrerás*. Além disso, observamos que a igreja está lotada de fieis, muitos estão em pé. Mulheres e crianças, em sua

maioria, sentam-se à frente e homens se posicionam na parte do fundo.

Fotografia 5 - Funções religiosas no interior na Igreja Matriz



Fonte: Acervo pessoal Sr. Manoel Capilé; Centro de Documentação Regional da FCH/UFGD - Coleção *Memória Fotográfica de Dourados*

Segundo informações do Sr. Manoel Capilé que possui a fotografia original, trata-se de uma missa dominical ocorrida em 1946. Aparecem na fotografia membros de sua família e duas conhecidas: Teodoro Capilé, Lourdes Capilé, Antônia Cândido de Melo (Tunica) e Francisca de Carvalho (Quinha), da qual ele lembra: “essa filha de Maria nunca casou”.

Solenyr Araújo nos ajuda a compreender as diferentes organizações católicas presentes na fotografia, através dos adereços que compõem a vestimenta: Ao *Apostolado da Oração* pertenciam as mulheres casadas e usavam véu preto; As *Filhas de Maria* eram as mulheres solteiras e caracterizavam-se pelo uso de véu branco, expressando e representando a virgindade; já os homens fotografados poderiam pertencer ao *Congregado Mariano*. De acordo com os registros do Livro Tombo I da Paróquia de Dourados, o *Apostolado da Oração* foi a primeira associação católica de Dourados, fundada em 1930. Já as organizações *Filhas de Maria*, *Reunião do anjo da guarda*, destinadas às crianças e *Senhores Católicos* foram fundadas em 1941 (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 8). Porém, outras fontes atestam a existência de associações ainda

na década de 1920, por exemplo, Amaral (2005, p. 44) menciona a criação do *Apostolado da Oração* em 1926 e o jornal *O Progresso* noticia a atuação das *Filhas de Maria* em 1927 (*O Progresso*, 03/07/1927, p. 1).

Algumas pequenas mudanças foram realizadas na Igreja Matriz no final da década de 1940. Em 19 de dezembro de 1947 o então vigário, Frei Antonino Schwenger, fez uma alteração no altar lateral para criar, segundo ele, uma *sacristia fictícia*. A readequação dos altares mais à frente e a colocação de um fundo de pano verde atrás dos mesmos permitiu que os franciscanos pudessem se paramentar de forma mais adequada e agradável. A imagem de Nossa Senhora Imaculada Conceição também foi transportada para o “altar do lado da Epístola” (LIVRO TOMBO I DA PARÓQUIA DE DOURADOS (1936-1970), p. 19v.).

Considerações Finais

Percebemos que a construção literal e simbólica do patrimônio cultural religioso pesquisado foi acompanhada de significados simbólicos apropriados socialmente e são elementos que fazem parte da construção da identidade social local. Assim, quando nos reportamos à gênese dessa construção, não podemos deixar de pensar e historicizar as relações sociais, nesse caso e, sobretudo, religiosas existentes entre os indivíduos que interagem nessas relações que abarcam processos migratórios, multiculturalismos, relações de poder e vivências culturais. Todas essas expressões fazem parte da produção da memória e da identidade do douradense.

Nota-se que a mesma paisagem urbana do povoado - com seus aspectos arquitetônicos, a igreja centralizada nesse espaço, o cotidiano de católicos e não católicos utilizando e vivenciando esse espaço central urbano enquanto elemento social e cultural de relações - é passível de uma pluralidade de significados de uso por parte desses grupos: Igreja, Estado e

comunidade. E essas relações se sobrepõem, se antagonizam, negociam-se mutuamente e se combinam de acordo com os interesses desses grupos sociais. Essas percepções de mundo provêm do olhar de cada grupo, Igreja, seus fiéis locais e o governo local que, de acordo com suas atuações histórico-social e estéticas, vão atribuir sentido singular e valor simbólico ao patrimônio cultural religioso, a Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição.

Referências

- CAPILÉ JÚNIOR, João Augusto.; CAPILÉ, Júlio.; SOUZA, Maria de Lourdes da Cruz e. **História, fatos e coisas douradenses**. Dourados: [s.n.], 1995.
- KNOB, Frei Pedro, O. F. M. **A missão franciscana do Mato Grosso**:em comemoração dos 50 anos de fundação. Campo Grande: Edições Loyola, 1988.
- Jornal **O Progresso**: 03/07/1927, p. 1.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira e Suzana Ferreira Borges. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.
- Livro Tombo I da Paróquia de Dourados (1936-1970)**. Disponível na Cúria Diocesana de Dourados e no Centro de Documentação Regional - CDR/FCH/UFGRD (cópia digitalizada).
- MARTINS, Ana Luiza. Fontes para o patrimônio: uma construção permanente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 281-308.
- MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008. cap. 3.
- MOREIRA, Regina Heloiza Targa. **Memória fotográfica de Dourados**. Campo Grande: UFMS, 1990.
- PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. Apresentação. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 7-8.
- PINTO, Maiara Laís. **Da usina termoeletrica Senador Filinto Muller à Usina Velha**: contribuição à história de um patrimônio histórico-cultural douradense. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.